

PRIMEIRO DE MAIO

edição especial do "Germinal,, e da "Barricata,,

A JORNADA DE HOJE

A sublevação do proletariado internacional na data de hoje; a greve geral universal, mais ou menos revolucionaria, que apavora as classes dirigentes com a paralisação total da engrenagem capitalista e entusiasma os oprimidos, que sentem aproximar-se a aurora da sua emancipação, apresenta os dois aspectos da questão primordial da vida humana: o fim da exploração, da escravidão e do despotismo e o imediato advento da Anarquia.

A Anarquia foi a causa pela qual os mártires de Chicago subiram em atitude heroica as gradas do patíbulo e pela Anarquia é que outros milhares de mártires, os que de coração lutaram pela redenção do proletariado, não trepidaram em sacrificar a própria vida.

A parede geral do 1.º de Maio, tentativa revolucionária que socava os alicerces da sociedade presente, dando-lhe as últimas de misericórdia para fazê-la ruir por terra e inaugurar o regime de todas as liberdades, tem para alguém certo tinte tradicionalista e místico por verificar-se anualmente na mesma data, tal como sucede com as comemorações religiosas e patrióticas. Cresce ainda que esta comemoração se verifica com manifestações públicas, com passadas de povo que mais a identificam com as cerimônias religiosas ou civicas.

Repetição de uma manifestação que restitua um carácter festivo e carnavalesco, como costumam fazer os socialistas legalitários, não passa de uma ridícula manifestação de atavismo e de imbecilidade.

Se, porém, toma um verdadeiro carácter de protesto; se a rebeldia e os procedimentos revolucionários lhe dão a vivacidade subversiva então a parte mística desaparece na acção inovadora dos rebeldes.

E porque tenha certa dose de imitação na questão da invariabilidade da data, segue-se que é preferível não realizar essa comemoração?

Se ainda não se realizam movimentos identicos tres o quatro vezes durante o ano é porque não ha essa possibilidade.

Não é este movimento uma manifestação de revolta contra a sociedade presente?

Não é um pretexto contra as repressões que sofrem as hostes batalhadoras do ideal libertario?

Não é uma exposição de forças e de animo das classes trabalhadoras em combate contra o Estado e o capitalismo?

Não é mais místico e religioso-realizar os nossos actos entre bastidores do que vir a praça pública a gritar fortemente os nossos principios e atoar os ares com o nosso protesto?

É bela e augusta a arrogancia solitaria, mas, é muito mais bela e augusta a afirmação dos grupos solidarios que publicamente enfrentam os representantes do poder e da exploração, despindo-os das suas honoráveis respagens perante a vindita popular e identificando as massas com as ideias e os sentimentos de emancipação e regeneração.

Surjamos, pois, entre o povo, e a luz do Sol, como campeões da verdade e da justiça proclamemos, em opposição as iniquidades presentes, os sublimes principios da Anarquia.

A luta entre o proletariado e a burguesia, entre a liberdade e a escravidão está humedecida com páginas de sangue, com infantias inauditas que comovem e suble-

vam. Entre estas destacam-se as que foram escritas nas ruas e prisões de Chicago, finalizando nas forças em que sucumbiram os nossos companheiros de trabalhos de miseria e de lutas.

O movimento que ha varios anos se organizara nos Estados Unidos em prol da jornada de 8 horas, foi um acontecimento tão notavel e significativo que apañhou de sobre salto os altos financeiros so sestadistas, os quais ficaram aterrorizados perante a magnitude da greve, que alcançou perto de 2 milhões de trabalhadores.

Aquilo parecia o fim da historia capitalista.

Os trabalhadores triunfaram em quasi todas as lhas.

Os patrões, uma vez serenados, resolveram castigar quella insubordinação dos escravos assalariados, e a metralha dos mantenedores das ordens começou a varrer as multidões plebeas.

As crianças eram fusiladas pelos esbirros, com o sorriso notalbio, porque eram as que opunham menos resistencia e não podiam correr.

O massacre de M. Cormicks, um dos que mais provocaram a indignação popular, foi o ponto de partida do sacrificio dos nossos companheiros.

Um outro comicio foi por estes convocados em Haymarket para protestar contra o terrorismo notalbio.

No momento em que esta manifestação estava quasi dissolvida uma companhia de soldados avançou a baioneta sobre os poucos manifestantes que ainda estavam na praça.

Nesse momento uma bomba caiu entre os facinoras da milicia republicana, ferindo setenta e enviando outro para a direita do Padre Eterno.

A policia não procurou quem tirou a bomba, prendeu os companheiros mais activos no movimento.

Augusto Spies, Miguel Swab, Samuel Fielden, Alberto R. Parsons, Adolpho Fischer, Georg Engel, Luis Lingg e Oscar W. Neebe foram as victimas preferidas pela burguesia.

Não encontrando o ministerio público prova alguma contra os acusados na questão da tragedia do Haymarket condenou-os por anarquistas, e a Anarquia era o que pretendiam exterminar para assegurar a ordem da exploração e da escravidão.

Miguel Swab e Samuel foram condenados a prisão perpetua, Oscar W. Neebe a 15 anos de reclusão e os restantes a pena de morte.

Lingg teve a felicidade de não entregar o seu corpo ao verdugo, suicidando-se com um cartucho de dinamite. Os outros tentaram fazer o mesmo, mas não puderam conseguilo.

A 11 de Novembro de 1887 Spies, Fischer, Engel e Parsons pendiam das forcas como sinos tocando a rebato, convocando os povos a luta pela Anarquia, que os burgueses pensavam ter aniquilado afogando em sangue a voz daqueles mártires da liberdade.

Concorramos a essa convocação, combatendo com heroismo, e como verdadeiros idealistas não descansemos um momento enquanto não vejamos a burguesia alogarse do sangue das suas victimas e no seu proprio sangue.

Empreguemos toda a intelligencia, toda a força, toda a violencia de que fomos capazes para arrasar completamente o regime da brutalidade, da violencia e do despotismo, com o acometimento

indomito da Revolução Social. Atravez dos tempos, desde onde a Anarquia foi guillotizada os povos continuam a proclama-la gritando: — Viva a Anarquia!

Florentino de Carvalho

A PROPRIEDADE

A importancia da propriedade reside no facto do pobre que nada tem, depender do rico que tem; de, para alcançar as cousas de que carece para viver, mas que pertencem ao rico, o pobre ter de fazer o que outro quer e principalmente trabalhar para ele.

Desta forma, a propriedade divide os homens em duas castas, uma que trabalha, que sofre e morre de fome; outra que é ociosa, que oprime, goza e vive na abundancia. Nós somos todos irmãos; mas, apezar disso, de manhã é meu irmão ou minha irmã quem vai despejar-me a bacía; nós somos todos irmãos, mas eu preciso todas as manhãs do meu charuto, do meu gelo, e de minhas outras cousas diversas, cuja manufactura custa e custa ainda a saúde de irmãos e irmãs, de seres que me são iguais. Toda a minha vida se passa da forma seguinte: como, falo, escuto, como, escrevo, leio, isto é, ainda falo e escuto; como e deito-me e assim faço todos os dias. Eis tudo quanto sei fazer; e para que o possa fazer é necessario que trabalhem de manhã á noite, o porteiro, o camponês, a cozinheira, o cozinheiro, o ganuario, o cocheiro, a engomadeira, e falando do trabalho dos outros homens necessarios para esses cocheiros, trimonios, cozinheiros, etc., fêrem tudo o que lhes é indispensavel quando trabalham para mim: machados, toneis, escovas, a bacia, os moveis, a cêra, o encaerado, o petróleo, o ferro, a madeira, a carne.

Todos eles são obrigados a penarem todos os dias, desde a manhã até á noite para não perderem a vida.

Esta consequência da propriedade é sentir sobretudo nos objectos, que são necesarios para a produção de outros objectos, e, particularmente, no solo e nas ferramentas. Não pode haver lavradore sem terras para cultivar, sem foices, sem alimentos e sem cavalos; não pode haver sapateiro sem uma casa, sem agua, sem ar, sem ferramentas; mas propriedade significa que muitas vezes o lavrador não tem terras nem foices, o sapateiro não tem casa, nem agua, nem sola, que alguém ha quem injustamente lhas retenha. A consequência disto é que para uma grande parte dos trabalhadores as condições naturais de produção estão alteradas, vendo-se esses trabalhadores forçados a servirem-se de ferramentas emprestadas. Então, o detentor do meio de produção pode forçar o operario a não trabalhar por conta propria, mas por conta do patrão. O operario, por consequência, não trabalha por si, segundo os seus desejos, mas forçado e contornado o capricho das pessoas ociosas, que vivem na opulencia, em beneficio de um qualquer ricoço, do proprietario de uma officina ou de um estabelecimento.

Desta forma, propriedade significa exploração do operario por aquele que possui o solo e as ferramentas; significa que os productos do trabalho humano saem cada vez mais das mãos da classe operaria, para passarem para a mãos das classes ociosas....

Das prescrições baseadas na lei do amor resulta ineludivelmente que todo o homem que trabalhe, conforme as forças lho permitam, deve ter tudo o que necessite, más sómente o que necessite.

A primeira prescrição diz-nos que o homem não deve pedir nenhum trabalho a outrem, mas deve consagrar toda a vida a trabalhar para os outros. O homem não vive para que o sirvam, mas sim para prestar serviços; não deve, pois, sobretudo mercadejar com o seu trabalho, nem pensar que lhe é licito pedir tantas mais subsistencias quanto maior e mais útil seja o seu trabalho.

A execução desta prescrição proporcional a cada homem aquilo de que carece. Refere-se isto primeiramente ao individuo adulto e de saúde. Se um homem trabalha, o trabalho alimenta-o; se uma outra pessoa utilizar o trabalho desse homem, essa pessoa alimenta-lo ha precisamente por se utilizar do trabalho dele. O homem não assegura as suas subsistencias arrancando-as a outro; mas tornando-se util e indispensavel aos seus semelhantes, estando a sua existencia tanto mais segura quanto mais necessaria seja para eles. Demais, obedecendo á prescrição de servir outros, proporcionam-se também subsistencias aos doentes, velhos e crianças. Os homens não deixam de alimentar um animal doente, não matam sequer um cavallo velho, antes lhas dão trabalho proporcionado ás suas forças; criam rebanhos de carneirinhos, vacas e porquinhos e matilhas de cães, porque

esperam tirar proveito disso. Como não haviam, pois, de tratar de um homem que lhes é util, quando esse homem adoeça? Porque razão não haviam de encontrar um trabalho apropriado para velhos e crianças, e porque não haviam de criar homens que um dia trabalharão para eles?

De que forma poderá fazer-se essa distribuição de bens? De como possa fazer-se, dão-nos magnifica ideia os colonos russos. Estes chegam a um determinado territorio; estabelecem-se, e entregam-se ao trabalho; nenhum deles pensa que a terra possa pertencer a quem quer que dela se não sirva. Os colonos, pelo contrario, consideram o solo bem comum e só tem por justo que cada um trabalhe e colha onde quizer; para a lavoura, plantação de jardins e construção de casas arranjam ferramentas, sem que lhes venha a mente tirarem disso quaisquer interesses em detrimento de outros, antes julgam ser uma injustiça qualquer ganho pelas ferramentas cedidas ou qualquer juro pelo frigo emprestado, etc.; ananham o terreno livre com utensilios proprios ou emprestados gratuitamente, cada um por si, ou todos para proveito comum.

Palando desta especie de comunidade, não estou fantasiando, mas descrevendo o que sempre se tem feito e ainda hoje se faz, não só entre os colonos russos mas onde quer que o estado natural do homem não tenha ainda sido alterado por quaisquer circunstancias. Descrevo o que a toda a gente parece sensato e natural, que homens que instalem num determinado terreno, se entreguem todos ao trabalho, arranjam a sua lha agrícola e produzam; se lhes parecer mais vantajoso trabalharem em comum, formam uma cooperativa de produção. Todavia, não no caso da produção individual, nem no da produção em comum, a agua, o solo, o feno, ou a charria podem pertencer senão a quem beba a agua, veste o feno e se serve da charria, porque para esses objectos são necessarios a quem deles se serve.

Se alguém se chamar a si mesmo um socialista, e não se lembrar de que a propriedade é a causa de todos os males, e que a sua abolição é a causa de todos os bens, não se chama a si mesmo um socialista, mas um idiota.

perigoso, etc. L. TOLSTOI.

A morte de um mito

leri, um mio amico — oh! molto intimo quasi un altro me stesso — che per via, per tormento proprio, la vena del pessimismo mordace, fingendo una tragica solennità, mi ha chiamato da parte se collocandosi davanti ad un calendario-reclame di un tonico che ammazza la gente, mi ha ghignato in faccia: — Siano, come vedi, alla vigilia: doppi, E' UN'ALTRA VOLTA il gran momento. Preparati!

Io ho riflettuto un po'; l'ironie del mio amico intimo, per quanto negative, hanno in sé questo di buono che obbligano a meditare sulla vanità di tante cose.

Io dunque io mi sono ripiegato su me stesso ed ho meditato sull'agonia della roccia maggiolata... E per non essere disturbato nelle mie elucubrazioni dal volo delle mosche, ho chiusi gli occhi... alla vigilia del momento.

Essai spesso chi chiude gli occhi sovente ed io ho riviste cose lontane, immagazzinate in non so quali riposte scansioni cellulari della massa cerebrale.

Ho riviste bandiere rosse, bandiere gialle, e ho visto su masse composte di popolo... mentre la cavalleria incalzava. E ho ridotti squilli di trombe e crepitii di fucilate...

Altri tempi; altri primi di Maggio; lontani assai però. Cossas de antanho; di quando, cioè, noi, io ed il mio amico, eravamo giovani e con noi erano giovani tante cose.

Anzi il mio intimo amico allora era un sbarazzato terribile: tirava sassi e non motteggi. Ma lasciamo andare! — Si viveva allora e vivevano con noi le idee. Vivevano nella piazza e nei tribunali. L'agitazione era un fatto, non un iperbole retorica... in concubinato col materialismo storico.

Pei tempi quelli e che bella cosa, bel dono di natura, la memoria!

E brutta cosa l'invecchiare. ... A questo punto del soliloquio spirituale io mi credetti in dovere di riaprire gli occhi... alla vita del momento, per vedere se c'è una gioventù anche oggi...

Il mio amico intimo che mi legge il pensiero tra le ciglia corrugate, pronto a pergerne: — Sicuro che c'è una gioventù spar-

tana, sportiva, «calcistola»... sindacata quasi sempre. Quello che non c'è più è l'ideale, o se vuoi, la fede nell'ideale, nel mito.

E' l'ora del ventri! Confesso che mi caddero le braccia per la sorpresa e la desolazione. Nell'ironia del mio amico intimo singhiozzava l'angoscia.

Ma vullì tentare un conforto reciproco: — Ne sei ben sicuro; non è il tuo pessimismo, cronico ormai, che ti fa vedere tutto nero?

Egli però fece un gran gesto in aria e lentamente sentenziò: — Proprio così; il mito è morto: l'hanno ucciso a tradimento!

L'hanno assassinato sotto il pretesto di glorificarlo. Dicevano che l'avrebbero materializzato nei fatti... in verità lo soffocarono per sottrarsene al fascino e per giustificare il loro incerto procedere di ritardatari prudenti ed impotenti.

L'ideale, il mito, non può mai essere dell'ora nostra. Esso deve precederci, di tappa in tappa, e noi seguirlo sempre verso altezze ignote, oltre confini sconosciuti, in una marcia affannosa verso l'indefinito.

Così parlò il mio alter-ego, quel secondo me stesso, così diverso e ch'io credevo un cinico affogato nel materialismo. Egli dunque rimpiangeva qualche cosa... In fondo alla sua ironica anima di critico spietato e forse sterile, dormiva dunque una grande fede, accasciata nel proprio dolore per la morte del mito ai cui bagliori s'era infiammata l...

Ritto davanti al calendario-reclame del tonico che ammazza la gente, io pensavo queste cose tutte. Ma non voleva piegarli all'amarezza del mio intimo amico. Ed allora egli mi disse: —

Abolisci il mito, e preparati a tutto. Voglio a prepararti a tutto. Preparati...

Il mio amico possiede la vena del pessimismo mordace, io possiedo il tic delle rivolte che sprezzano le considerazioni di tempo, di luogo e di numero. Io vivo della mia volontà e per la mia volontà. La mia fede è in me stesso. Perciò gridai: —

Va a piangere sul santo sepolcro, vecchio scimmionto. Col tuo piagnonismo sei molto più sterile che con le tue critiche poggiate su di un assoluto senza nervi. Io ti dico che il mito non è morto; anche se assassinato a tradimento. Ne celebriamo pure il funerale quelli che sono lieti di averlo chiuso negli angusti limiti di una bara, ciò non vuol dire grande cosa. Tu lo vedrai risorgere; tu lo vedrai di nuovo araldo audace trascinarsi dietro verso le radiose immensità i manipoli dei generosi e dei forti. Tu lo rivedrai faro di luce meridiana splendere in tutta la sua gloria e riscaldarci dei suoi raggi, dandoci vita col suo fuoco, eterno creatore della vita per la gente che vuol vivere.

No, triste buffone, l'ideale non è morto poiché noi crediamo ancora in esso; ci credi tu che lo piangi, così quanto io che l'invoco.

Quella che è morta è la finzione che voleva costringerli nelle estenuanti ripetizioni di un gesto che, per chiamare a sé le genti, non ha data fissa, come non l'ha per riprodursi e che è sempre grande per la sua originalità creatrice di azioni tumultuanti.

La finzione ha vinto e si è consunta nella vittoria; ma che c'entra quella col mito?...

Esso prepara nell'ombra nuovi gesti di audacia che i calendari-reclame non hanno ancora catalogati tra le feste religiose e quelle dello Stato.

Non disperiamo perciò: attendiamo. E sia vigile l'attesa.

GIGI DAMIANI

Comemoração do 1.º de Maio

A União dos Cantoneiros convida o povo a comparecer ao comicio de propaganda que terá lugar hoje, ás 9 horas da manhã, no Salão Coloso Garcia, á rua do Carmo 39.

Os sindicatos operarios realizam hoje, ás 7 horas da noite, um grande comicio no Salão Alhambra, rua Marechal Deodoro, n. 2.

Estes comicios, a notar a animação reinante entre o operariado, prometem ser muito concorridos.

A LEGISLAÇÃO

«Suprimi a lei». Eu pronunciei estas palavras tomando-as de um discurso de Mr. Foran no Congresso. E se é verdade que, como ele diz, nada se pode fazer pela legislação, que se supõe favoravel aos interesses comunaes, nada mais logico do que aquela frase. Não se pode legislar sem ferir os interesses de alguns; necessariamente a lei ha de favorecer uns interesses e prejudicar outros. Se, pois, nada se pode conseguir mediante a legislação, e centenas de homens recebem um soldo anual por fazer leis, é logico e natural que a grande maioria que não recebe nenhum favor da lei prescindia de tais legisladores.

SAMUEL FIELDEN

Sampaio Vidal s' muse!

San Paolo possiede un capo di polizia che vale quanto pesa: tanti paladões dell'impero, uno sull'altro.

Quel signore è un portento di senno amministrativo: amministrazione poliziotica s'intende. Chi volesse giudicarlo a prima vista e dicesse: il signor Sampaio soffro di travaglio; direbbe una corbelleria. Noi ci troviamo di fatto davanti ad una delle più fertili menti che abbiano mai diretto glistinti antisociali della sbirraglia. C'è era la stoffa di un Carolina Invernizio nel signor Sampaio Vidal. La politica lo ha assorbito, non tanto però da soffocare la rocambolesca inventiva.

Ed egli, tutte le volte che l'ufficio glielo consente, mette fuori la sua buona qualità di romanziere a buon mercato.

Leggete per esempio le sue circolari alla stampa... Sono d'una suggestiva ed efficace efficacia, che viviamo e se educano...

Non si creda però che quello di Sampaio Vidal sia soltanto un dono di natura; una prerogativa personale. Il genio c'è ma non esclude il metodo.

Un metodo semplice. Noi ve lo indichiamo... caso un giorno diveniste capi di polizia di questa paulopolit buffoncella.

Immaginate di trovarvi nei panni sporchi del signor Sampaio.

Epoca presente; località... il numero 100; ore alte della notte.

L'autore punta si sprema e... compone. Comincia ad immaginare che domani avrà luogo un comizio popolare contro la carestia della vita.

Perplesità del legislatore. La Costituzione è per il comizio. Ma la Costituzione è una zitella fuori d'uso; carnicia da violazioni. Che fare? L'autore si sprema ancora un po' e comincia a farla.

Immaginato il comizio, immagina la patria in pericolo. Sebbene non vi sia ragione alcuna di lamentele — questo è il paese di Bengodi! — e sebbene i protestanti contro una carestia della vita che in Rio c'è... ma in S. Paolo no, siano soltanto i venticinque componenti le venticinque associazioni anarchiche scoperte da Adolfo Gordo, pure da fonte sicura risulta alla polizia che dopo un'attiva propaganda, diecimila, per lo meno, operai armati, pronti a tutto e scalzi per non far rumore occuperanno il centro della città per proclamare la Rivoluzione Sociale...

Terribile situazione quella in cui vediamo il nostro autore.

Ma egli si sprema a tutto andare... e partorisce la salute pubblica.

Annunzierà il finimondo perché la gente se ne sia a casa ad una data ora se non vuole cadere sotto la mitraglia... Partorita tale soluzione geniale, il signor Sampaio, si pulisce e manda la circolare ai principali quotidiani, cioè al «Fanfulla», «A Noite», «A Platea» e via discorrendo.

Il brutto, per il romanziere però, è che la gente non prende a serio la sua circolare... e circola indolente, davanti alle numerose pattuglie di cavalleria, cercando i comizianti che non ci sono... fino a che ad una certa ora tutti rincasano, i soldati! compiendo alla mistificazione dell'ill. signor Sampaio Spaccasette e Tr... per otto.

Il che però non impedisce ai giornali di scrivere il giorno dopo che Sampaio Vidal... la repubblica con una volta trovata.

G. P.

N. d. R. — All'ultima ora siamo informati che Sampaio Vidal non riposa sugli allori. Adesso s'è posto a scrivere le sue memorie. Avranno per titolo «DA SAURESTANO-INQUISITORE A PULCINELLA-TRAGICO». Verranno pubblicate a puntate sulla «Gazeta do Povo» (da non confondersi col «Fanfulla» gazza ladra dello stesso popolo).

Di quelli che insorgono contro la legislazione e la rappresentanza

Il lettore ha ora un'idea generale del compito che si son prefisso i moderni Titani, desiderosi di rinnovare il conflitto contro il Governo. La prima obiezione che è stata mossa loro da tutte le parti originarie della religione cristiana nelle leggi. Parecchie persone sono sufficientemente rivoluzionarie per credere possibile che il potere governativo sia diminuito, ma non pare che il superfluo rispetto per un'assemblea legislativa possa essere stradicato dagli amici. Facciamoci a considerare le leggi, immedesimandoci per un momento con gli avversari dello Stato.

Lo Stato ha una vita ed una esistenza soltanto — la legge. Finché noi ammettiamo lo Stato nella sua forma ereditaria, noi — in qualunque graduazione politica liberale ci troviamo — dobbiamo sempre scorgere nelle leggi il principio e il fine della società umana, il pilastro dell'educazione, la protezione del debole, il livello delle distinzioni sociali ed il santuario della giustizia.

Perciò i rivoluzionari sono stati distinti dai reazionari solo per il fatto che hanno cercato di far leggi migliori, e si sono presi pena per far felice il popolo. In ogni altro senso non esiste differenza di sorta tra Luigi XIV, che dava forza di legge alla sua volontà dispotica, e perciò disse: «Lo Stato sono io», e Montesquieu, Rousseau, Robespierre, S. Just, ecc. Ciò che il primo arrogava a sé, gli ultimi reclamavano per i legislatori. Per questi il genere umano è una pasta che la loro saggezza vorrebbe rimanere; essi inventano un arte di guidare gli uomini e farli felici. Montesquieu, che pure era citato dai rivoluzionari, fu il fondatore di questo culto moderno alle leggi, e di questa esigenza di un senso meccanico di legalità!

Le leggi sono tutte per lui: esse sono le vacche, alle cui mammelle il genere umano deve succhiare; ed egli insegna ai legislatori quale condotta debbono tenere verso il genere umano, così come l'affettuoso istruttore i suoi allievi ad arare la terra. Rousseau pure si frammette in ogni cosa. Con un vero accanimento per la felicità dei popoli, egli espone i vari espedienti che i legislatori dovrebbero adottare, e come questi dovrebbero far girare la macchina sociale e metterla in movimento. Per lui il genere umano non è che la moltitudine interamente governata dai fattori di leggi, sui quali egli osserva: «Quegli che intraprende a dare istituzioni ad un popolo deve sentire dentro di sé la possanza di mutare la natura umana, di trasformare ogni singola persona, di modificare la costituzione del genere umano, di rafforzare; in una parola, di ricreare il genere umano».

Con tutta la vanità dell'autorità, S. Just diceva: «Il legislatore comanda il futuro: il suo ufficio è di bramare il bene; il suo compito di formare gli uomini come vorrebbe averli». Lo stesso accanimento per il governo si rievca in tutti i discorsi di Robespierre, che formicolano di frasi superficiali.

Il loro immobilità è chiamata ordine — uno stato di congestione, in cui tutto il sangue del corpo affluisce alla testa — e forma l'armonia dello Stato; ma quando il sangue scorra nelle varie vene, e le faccia battere, allora questo si chiama anarchia.

L'uomo dev'esser libero dell'uomo. Non la volontà di un altro, ma solamente la voce interna della sua ragione può sindacarmi. Finora il Governo è stato sempre personale: un singolo individuo od un'Assemblea potrebbe dire: «Lo Stato sono io». Il Governo dev'essere impersonale, o, ciò che è lo stesso, deve sparire. Ciò dev'esser fatto dissolvendo tutti i grandi Stati e componendo una moltitudine di piccoli Stati federativi, che debbono avere cost poco pratico governo, come ora i Comuni. Comunque questi ultimi hanno solamente funzionari amministrativi, ma non politici, e come questi funzionari amministrativi non possono in nessun modo attentare alla libertà personale degli individui, allo stesso modo in un tempo avvenire i grandi Stati cesseranno di esistere, con le loro armate, coi loro funzionari, ministri, e con tutti i parassiti del Governo. Neassunto Stato allora potrà avere una polizia: gli uomini vivranno senza essere governati, imporranno a sé stessi leggi entro una sfera più piccola, ma non riceveranno leggi generali da governi o da parlamenti. In questo modo i cittadini accentreranno i loro interessi.

Ma tutti i parlamenti, tutte le istituzioni legislative, tutti i segreti politici, delle quali cose tutti i milioni d'uomini, che compongono lo Stato, non sanno che farsi, dovrebbero cessare di esistere. Il genere umano così, per la sua più illuminata formazione, dovrebbe ritornare ai tempi primitivi dei piccoli Stati greci. Perché più piccolo è lo Stato, più grande sarà la libertà e più presto sarà possibile di abolire il governo, cioè trasferirlo in una semplice amministrazione, vuota di significato politico, e dar agio ad ogni individuo di prender parte nei pubblici negozi.

Ogni partito politico ha perciò solo una mira — giungere a possedere la podestà di far leggi. Qui fonda ogni autopsia il suo piano per far felice il genere umano: ogni profeta fabbrica le dodici tavole della legge; ed i socialisti francesi non scrivono più teorie, ma pubblicano decreti belli e formulati proprio come i cartilani inventano ricette per miracolose guarigioni. Ciascuna classe spera che al cessare della lotta la legge rimanga ad essa. La legge è per ciascuno un legislatore che dirige la forma in cui si versa la materia greggia e si modella la società.

Solo un piccolo gruppo di uomini liberi ed ingovernabili desidera che, nella lotta universale dei concorrenti al posto di legislatore, la legge stessa vada infranta, ed il popolo non possa più esser fatto felice o governato per atti di Parlamento, che la volontà di nessun individuo né di un'assemblea possa essere obbligatoria, e con l'abolizione delle leggi scritte venga meno la stessa Autorità, e nel genere umano si destino la sua coscienza e la moralità. Abrogare le leggi è molto più difficile che emanarle. Noi apparteniamo alle leggi. Lasciaci combattere per appartenere a noi stessi. Che ogni individuo sia l'architetto della propria fortuna, e le redini, le verghe e la pappa esistano per fanciulli soltanto, non per le nazioni mature! Che ciascuno sia responsabile solo per sé, e che non sia possibile che gli errori e la malizia di un singolo uomo, trasformati in una legge, diventino pestiferi all'intera società!

Quando maggiore è il numero degli individui, tanto più elevata è la società: ma la legge abolisce ogni individualità. Noi diciamo con orgoglio: «Tutti sono eguali davanti alla legge»; invece di gridare a tutti: «Tutti sono eguali davanti alla legge».

Esso combatte contro di essa, le rivoluzioni per essere governato, inventa progetti democratici per dare una forma alla servitù volontaria. Poiché sono ben cordati per star soli, gli uomini hanno inventato la parola nazione. Poiché indistreggiano al pensiero di una libertà individuale illimitata, diventano entusiasti della sovranità del popolo. Non v'ha che una libertà, e questa è la sovranità di ogni individuo. La così detta sovranità del popolo uccide la libertà individuale, proprio come fa il diritto di voto, e contiene altrettanto di misticismo e riesce egualmente mortifera allo spirito. Ogni uomo è padrone e legislatore di se stesso. La legge non può essere versata dentro di noi, ma deve venir fuori da noi. La democrazia, che presto sarà nota quanto l'aristocrazia, non ha inventata che la scienza di martellare e saldare i ceppi sopra ogni singolo individuo. Il suffragio universale non ha ora altro scopo che di gettare un piccolo manto di libertà sulla schiavitù generale. Ma una prigione non diventa un tempio di libertà a causa che queste parole sono scritte su di essa.

Si combatte solo per la libertà del popolo, ma non per la libertà d'ogni individuo. Astratta parola, spettro, ombra, tu truu la libertà ad ogni singolo individuo! Umanità, tu rubi l'uomo!

Perché la libertà sarebbe trasformata in un'astrazione? Starebbe dunque nelle catene poste alla libertà il vincolo dispotico dello Stato, che tiene unito il tutto? Dovrei io, singolo individuo, in grazia della follia astrazione della sovranità popolare, essere contento di cose che giudico false e che mi traggono indietro d'un secolo? Non può essere permesso ad un centinaio d'individui di congiungersi insieme in perfetta libertà, mentre altri cento continuano il vecchio sistema della custodia legale? Via con le nozioni di universalità! noi non vogliamo essere cittadini.

Non appena adottiamo questo titolo di democrazia che siamo i sudditi di uno spettro bugiardo chiamato sovranità popolare. Noi vogliamo essere uomini, vogliamo essere costantemente liberi. Il vero amore è egoista. Come singoli individui, noi dobbiamo concentrare i nostri interessi e formare più larga combinazione, a quella guisa onde volontariamente ci uniamo in matrimonio. Nessuno dev'essere trascinato innanzi ad un altare, e colà esser costretto a dar di sé. Raccogliamoci intorno alla tavola, e ciascuno noi consumi la sua porzione di sovranità popolare. Noi vogliamo essere tutti sovrani, associati a rovesciare un sistema che solamente ci chiamava sovrani il giorno in cui dormivamo, il giorno in cui ci eravamo compromessi il suicidio. Ohi! lasciateci non essere più una fabbrica per la produzione dei rappresentanti!

Un uomo può così poco trasferire la sovranità, come commettere ad un altro il Governo, pervenire a vivere da noi medesimi. Al presente, tutta la vita sociale è concentrata nei poteri dello Stato. I sudditi o cittadini sono immobili e silenziosi. La

S. Ringlander

A MORAL ANARQUISTA

Em geral, os moralistas que bisparam os seus sistemas em opposição supposta entre os sentimentos egoístas e os sentimentos altruístas, seguiram por mal caminho.

Se esta aparição existisse, se a felicidade do individuo fosse realmente contrária á da sociedade, a especie humana não teria podido existir; nenhuma especie animal teria podido chegar ao seu actual desenvolvimento.

Se as formigas não experimentassem um prazer intenso trabalhando para a bem estar do formigueiro, o formigueiro não existiria e a formiga não seria o que é hoje: o ser mais desenvolvido entre os insectos, um insecto cujo ceto ro apenas perceptível, é quasi tão poderoso como o cerebro ordinario do homem.

Quando o pensamento prevê um tempo em que a felicidade do individuo se confundirá com a felicidade da especie, esquece uma cousa: que se os dois não tivessem sido identicos, não podiam realizar-se.

Quando o pensamento prevê um tempo em que a felicidade do individuo se confundirá com a felicidade da especie, esquece uma cousa: que se os dois não tivessem sido identicos, não podiam realizar-se.

Quando o pensamento prevê um tempo em que a felicidade do individuo se confundirá com a felicidade da especie, esquece uma cousa: que se os dois não tivessem sido identicos, não podiam realizar-se.

Prescindamos daquelas épocas, muito a propósito para serem estudadas pela critica e sinal segurissimo de que o pensamento da sociedade de trabalho muito. Havemos tratado de formular baseandono nos estudos do homem e dos animais o que com o tempo será a moral. E vimos a moral que se desenta nas idéias das massas e nas dos pensadores.

Esta moral não manda nada. Prescindirá absolutamente de modular o individuo segundo uma ideia abstracta, como fugirá de mutila-lo por meio da religião, pela lei e pelo governo. Deixará o individuo em liberdade completa. Converter-se ha em uma simples menção de factos, em uma ciencia.

Esta sciencia dirá aos homens: Se não sentes e ti a força, se tuas forças não passam de ser tão sufficientes para levar uma vida gris, monótona sem fortes impressões, sem fortes gozos, mas também sem grandes sofrimentos observa os principios da equidade igualitaria. Nas relações igualitarias encontrarás a maior soma de felicidade, dadas as tuas poucas forças.

Porém, se em ti sentes a força da juventude, se queres viver, se queres gozar da vida inteira, plena e desbordante, isto é conhecer o maior prazer que um ser vivo pode desear, se forte, se energico se grande em tudo quanto fazes.

Sê-meia a vida em teu redor. Nota que enganar, mentir, intrigar, é envilecer, reconhecer-te debil de antemão, e obrar como escravo do harem, que se sente inferior ao seu amo.

Fa-lo se te agrada mas é bom que saibas de antemão que em tal caso a humanidade te considerará pequeno mequinho, debil, e te tratará como um ser digno de compaixão. Não te queixes á humanidade, pois tu serás, se daquela maneira obras, quem paralise a tua força de acção. Se forte, pelo contrario, e emquanto vejas uma iniquidade e a comprendas, — uma iniquidade na vida, uma mentira na sciencia, ou um sofrimento imposto por outro, — rebelate contra a iniquidade, a mentira ou a injustiça! Luta!

A luta é a vida, e então teras vivido. E considera que por alguns dias desta vida, darás anos de vegetação na podridão do pantano.

Luta para permitir que todos vivam esta vida rica e desbordante, e podes estar seguro de que acharás nesta vida gozos tão grandes como não os acharias em nenhuma outra actividade.

Isto é quanto pôde ensinar-te a sciencia da moral.

P. KRÓTKINE. Final da obra. A moral anarquista.

O BOV ACORDO

Como... a Belpalpa numa fidelidade reciproca? O negro golpe de vista o problema espacial... a solução impossível neste mundo convencional onde reinam as fórmulas, onde tudo mede por uma educação hipocrita, onde tudo mente, o golpe de vista, o gesto o sorriso.

Porém, não, a obra pode cumprir-se mured a esses homens generosos que reúnem numa mesma empresa os amigos conhecidos e desconhecidos.

les, e gozando de um alimento simples regular do trabalho.

Os artistas decorario com frisos e esculpturas nos palacios familiares; a instrução será mantida em laboratorios, museus e jardins; as donzellas nos cantarão cora a de sublimas melodias, os meninos rodearão em sens alegres circulos aos ditos tocos aneis, nenhuma lei, nenhuma coisinha perturbará no mais minimo o grande accordo, a angusta conformidade.

Haude e alegria á todos os amigos decau thedica que encontrei na cidade nova! saúde e alegria á todos os que não se esqueceram do mate o século vindouro!

GIORNALISTI-POLIZIOTTI e viceversa

La polizia di S. Paolo è... «civilista» al punto estremo. In una sua circolare proibisce sotto minaccia di severa repressione un comizio, nel centro della città, dichiarando però di tollerare quelli organizzati nei rioni e mantiene la parola... come tutti sanno. In compenso però fa annunciare da tutti i giornali che ha sciolta una dimostrazione di studenti contro il ministro della Istruzione pubblica, sequestrando cartelloni ed altri oggetti carnavaleschi, portati in processione per offendere quel ministro... ed invece tutti sanno che la dimostrazione ebbe luogo e si sciolse per programma esaurito.

Un altro del caso. Un gruppo di studenti fingendo la solita lite, e seguendo la paterna tradizione nazionale, entra in un «Bar»: beve, s'impo tutto... e non paga. Sorte da quel negozio, penetra in un altro, sfondando la porta di entrata e si collutta con il gerente del caffè e gli impiegati... fino a che accorre... rinculando, la polizia che arresta tutti... per acquietare lo scandalo.

Ebbene, di tutti gli studenti coinvolti nella eroica impresa, comunica alla stampa solo i nomi di due di essi perchè... di Rio de Janeiro. Degli altri... non possiede ancora la generalità. E sapete perchè? Perché quegli abituali provocatori di scandali e di peggio, sono tutti «figli di papà» ed il papà loro è tra i padri eterni della oligarchia statale.

E la stampa ingoia e lascia correre... sapendo che alla minima osservazione, addio pingui sussidi!

Del resto il giornalismo di questi paesi è proprio roba da galera.

Basti dire che la cronaca è fatta dagli stessi poliziotti poichè dei quotidiani avvenimenti è nella polizia che i «reporters» vanno a cogliere notizia. Anzi, è noto a tutti, i principali «reporters» di questa città non sono altra cosa che agenti di polizia poichè riscuotono il loro bravo stipendio dalla cassa «fondi segreti» e sono elencati tra le spie speciali.

Se non credete a noi... andate ad assumere informazioni presso le redazioni dell'«Estado de São Paulo» e del «Commercio de S. Paulo»...

Al «Fanfulla» no... perchè presso questo giornale il servizio è... cumulativo.

Ed a proposito di «Fanfulla» è bene che i suoi lettori tutti conoscano su quali granitiche basi poggia l'indipendenza del difensore «unico» dell'italianità al Brasile. Quella fogna stampata che è la «Tribuna» di Santos, nel suo poliziesco «giacobinismo», per meglio sintetizzare, a parer suo, l'andamento delle pubbliche amministrazioni, affidate nelle mani di certi amministratori, volle far dello spirito, citando la Calabria. Pronto il «Fanfulla» che di tanto in tanto sente il bisogno di darla ad intendere ai suoi stupidi abbonati, ritorce l'offesa... Ma più pronta è la replica della «Tribuna»... Questa accusa quella di spillare troppo presto denari al governo dello Stato.

poliziotti e di giornalisti intrattentiamoci anche un poco sull'incidente «Noite-Don Chisciotte».

Non ne abbiamo trattato nel numero passato per una semplice ragione. Ignoravamo l'esistenza di quel quotidiano e non potevamo supporre perciò che un foglio clandestino posto in circolazione da un certo Annibale Machado che credevamo da tempo pensionista alla «ilha dos porcos» avesse denunciato ai suoi cinquanta poliziotti-lettori, o lettori-poliziotti, il nostro amico Mazzoldi, della denuncia facendo argomento polemico.

Che i brasiliani anche avendo torto difendino il loro paese, o meglio i padroni del loro paese e i governanti che lo spingono ad immane rovina, se non si capisce si spiega.

Ma che un giornalista volendo polemizzare con un altro giornalista non trovi di meglio che dar mano al nazionale fischietto e chiedere l'espulsione dell'avversario è fatto che neppure la Cina ricorda. Fatto però che non può meravigliare chi conosce i giornalisti del paese... i quali hanno creduto dover loro — solidarietà da guardia — non indignarsi affatto con l'indegno procedere del loro degnissimo collega.

Infatti, si escludano uno o due settimanali, nessun giornale ha avuto una parola di biasimo per i nuovi metodi polemici posti in vigore dalla «Noite».

Neppure il «Fanfulla» e si che si trattava di un giornale italiano che già fu relatto, magno giornale. Non si vengiam mais col sostenere una rivalità in team de te até as ultimas palavras.

Anzi appunto perchè il «Fanfulla» spesso volte ha attaccato violentemente — e con giustizia diciamo noi — il «Fanfulla», questo doveva protestare contro il vigliacco procedere della «Noite»... In altri paesi la correttezza giornalistica è intesa diversamente... ed anche qui si ebbero casi in cui quella correttezza, che dovrebbe essere tradizionale e continua, andò in via.

Il signor Luigi Giovannetti direttore del «Fanfulla», ne dovrebbe sapere qualche cosa.

Non crediamo che egli abbia dimenticato, con la stessa facilità di... un altro, il suo famoso viaggio di ritorno in Italia sotto la vigile protezione dei reali carabinieri.

Dovrebbe ricordarsi che allora, contro la domanda consolare di estradizione insorsero tutti; anche i socialisti ed anche gli anarchici... E non si trattava di polemiche; se la memoria non tradisce anche noi, si parlava di reato comune...

Ma erano ne conveniamo, altri tempi. Oggi, quasi tutti, i giornalisti di mestiere hanno «sentado praça».

Salariati direttamente, o indirettamente, dalla questura ci tengono a dimostrare che non rubano la paga.

Sozze anime di poliziotti!... AUSONIO ACRATE

IL MENDICANTE

Me ne andavo, assorto nei miei pensieri, camminando senza direzione, quando mi si avvicino un mendicante. Era un uomo ancor giovane, ricoperto di cenci. Benchè di un aspetto languido e derelitto, s'indovinava sotto i suoi miserabili vestiti una costituzione sana e vigorosa. Mi chiese un'elemosina rispettosamente, col cappello in mano.

Ad un'altra volta — gli dissi, tanto per dirgli qualcosa.

Lo faccia per ciò che più ama al mondo — replicò — ho fame. E ho niente lavoro e me lo han negato. E le mie creature si muoiono...

Tornai a pregarlo di allontanarsi ed egli tornò a raccontarmi le sue angustie. E allora io, alzando rabbiosamente la mano, gli diedi uno schiaffo tremendo che lo fece vacillare.

Immediatamente, rimessosi dalla sua prima impressione, egli mi si avvicinò contro, e afferratomi il collo con tutta la forza che può dare il rancore lungamente represso, mi gettò a terra. E in terra, dopo di avermi ammaccato di colpi, mi mise la mano in tasca e mi rubò l'orologio con quanto denaro in possiedevo.

Poi si allontanò correndo. Però io mi sollevai rapidamente e, prima che lo perdessi di vista, gli gridai dietro: — Così, così si fa! Carità, no, ma diritto! Sei un uomo!...

J. M. RUIZ

DIFFONDETE GERMINAL

Orientação proletaria

As orientações do proletariado organizado sofreram modificações em seus principios e meios, segundo o tempo e lugar, e ao passo que em certas épocas e localidades descrevem um círculo de retrocesso para tomar novos impulsos de evolução, em outras avançam até o maximum dos principios e meios emancipatórios.

E agora que a Confederação Geral do Trabalho da França, cuja organização sindical segundo W. Fehrkessoff é a origem do movimento sindicalista internacional é necessário fazer uma proluxa análise para não deixarmos arrastar por tendências que não representam nitidamente as aspirações e a real libertação dos trabalhadores, de acordo com os mais avançados progressos da sociologia moderna.

A questão é demasiado séria para admitir as nebulosas bases em que parece deslisar-se o movimento operário.

Efectivamente alcançam os principios da C. G. T. o maximum das ideias de emancipação ou adiantam-se ao menos aos principios das organizações anteriores?

Os principios desta Confederação resumem-se nestes dois pontos principais, que formam a base dos seus estatutos:

1. Organizar os assalariados para a defesa dos seus interesses morais e materiais.
2. Organizar fora de todo o partido político a todos os trabalhadores conscientes da luta a empenhar pela desaparição do salariado e do patronato.

Vejam agora as declarações da Internacional dos Trabalhadores:

1. Os esforços dos trabalhadores para conquistar a sua emancipação não são de tender a constituir novos privilegios, senão a estabelecer para todos os mesmos direitos e os mesmos deveres.

2. A emancipação dos trabalhadores não é um problema local nem nacional, pois interessa a todas as nações civilizadas.

3. A falta de instrução conduz a miséria, a miséria ao embruteamento ou embrocamento ao crime, o crime a prisão, a prisão ao envelhecimento, que é peor do que a propria morte.

4. A terra e os grandes instrumentos de produção e de cambio devem ser propriedade da sociedade universal, entregando-se, a titulo usufrutuário, às colectividades produtoras, scientificas, artisticas, industrias e agricolas.

5. A herança ha de ser completa e radicalmente abolida, como condição indispensavel à liberdade do trabalho.

6. A Internacional (as actuais Confederações do Trabalho), pratica com todos os frabalhadores do mundo, seja qual for a sua organização, a solidariedade na luta contra o capital para realizar a emancipação do trabalho.

O estudo comparativo destas duas declarações de principios demonstra que a C. G. T. fez incalculaveis progressos para trás.

Naturalmente onde começam e onde terminaram os interesses dos assalariados?

Organizar os trabalhadores fora de todo partido político sem combater e sistema eleitoral não significa a neutralidade em materia de politica, demonstrando que não se combate a politica, ou os partidos políticos, tornando-se portanto, o estamento contra o estamento?

Pode a desaparição do salariado e do patronato constituir a completa emancipação dos trabalhadores?

Não poderão continuar sob o jugo da propriedade privada como arrendatarios, podendo vir ser «funcionarios», ou «trabalhadores» em «elites» socialistas do «poder administrativo», recebendo a sua quota parte, segundo o valor do seu trabalho?

Os «paragrafos» da S. G. T. contem segundo Tchekesoff, as aspirações fundamentais do socialismo, sem distincão de escola e de partido e qualquer membro de um partido socialista, seja este democratico social, ou outra cousa pode aceitar o inteiramente.

Vemos, pois, que o sindicalismo

pode tender para a implantação de um governo democratico, posto que a democracia quer dizer governo do povo.

E existindo um governo, seja ele azul ou rubro, pode garantir-se ao proletariado a sua independencia economica?

Não poderia ou não tentaria o governo democratico social tornar ao regimen caduco e restaurar os privilegios capitalistas?

Não implicaria a existencia de um governo a dependencia maior ou menor dos cidadãos, já que eles entregariam a administração a certos escolhidos?

E não é o Estado ou governo a negação de todas as liberdades? Estarão conformes os anarquistas e os sindicalistas com a existencia de um governo?

Estarão os socialistas e sindicalistas conformes com a anarquia?

Vemos, pois, que os principios da C. G. T. não contém as aspirações nem de uns nem de outros.

Esta é a excelente forma de agrupar os trabalhadores para não ir a parte alguma.

Ao menos a Internacional estabeleceu principios mais claros, mais definidos, mais liberais e em afinidade com as aspirações operarias.

Não constituir novos privilegios e determinar, em principio, que todos devem ser produtores, e que os grandes instrumentos de produção e de cambio devem ser propriedade da sociedade universal significa já a nitidez da ideia da socialização, e a universalidade da riqueza implica a ideia de descentralização e a tendencia antistatal.

Notemos tambem que a facção da Internacional do Jura poz os trabalhadores ao abrigo de todos os governos, das tiranias economicas e politicas futuras proclamando sem rodeios as doutrinas anarquistas.

A que distancia se encontra a C. G. T. de 1913 da Internacional de 1870?

Alguns outros, souberam interpretar fielmente os direitos, interesses e aspirações proletarias propagando o comunismo anarquista e assimilar todos os progressos sociológicos conhecidos, dispostos a assimilarem os que, por ventura, possam vir a luz.

Sendo a organização operaria, em sua origem, diametralmente oposta a todos os interesses e principios do capitalismo e da burguesia, ha de declarar-se partidaria de todos os progressos de todas as liberdades que a mente humana possa conceber.

A politica de neutralidade só serve para suscitar dúvidas e restringir a propaganda emancipadora.

Lisboa 11-4-1913.
PRIMITIVO SOARES

L'assassino assassinato

L'alferes Galinha, crivellato di palle, è stato trovato morto nel proprio letto. *Giustizia di deus!*... esclameranno i caboclos, ricordando le gesta di colui che era usato, col beneplicio dei superiori, di portare lo sterminio attraverso i serotios.

Noi potremmo però osservare che tale divina giustizia s'è fatta attendere troppo. Quell'eroico sostenitore della legge meritava la morte già da molti anni. In Francia lo avrebbero ghigliottinato legalmente. Qui, invece, lo promossero... ed ai suoi funerali il governo dello Stato s'è fatto rappresentare, testimoniando con una ricca corona la propria sanade!

Con la morte dell'alferes Galinha, la polizia di S. Paolo perde uno dei suoi più fieri campioni. Si può dire che egli la simbolizzasse.

È il delinquente nato, a servizio della legge, ma che della legge se ne infischia.

I giornali, pur tessendo l'elogio del morto, unanimi hanno dovuto ammettere che egli spesso ha versato il sangue umano per il solo cannibalesco piacere di versarlo.

L'Estado di S. Paulo, per esempio, ha ricordato che un giorno in quel di Minas, alzatosi di buon'ora, uccise con un colpo di carabina un caboclo che lavorava su di un albero. Accorsi i parenti ed i vicini li fece prendere a sciolate per consolarli del dolore loro causato. Più tardi ricordando quell... dolce episodio della sua vita, ingenuamente confessò che non sapeva spiegarci come

quell'assassinio era stato da lui commesso.

La necessità di uccidere era più forte di lui. Credete che venisse molestato per quel suo delitto?

Manco per sogno. Cominciò d'allora la sua gloria e la sua leggenda. Egli è divenuto l'eroe che ha dato fine al brigantaggio nell'interno dello Stato... il che proverebbe che i briganti sono tutt'altro che un prodotto esclusivo della Calabria di ieri l'altro.

Di vero però c'è che l'alferes Galinha non ha fucilati ed arrestati che dei poveri infelici: ladri di cavalli e bracciati da operata. Davanti ai veri banditi girava alla larga. Li cercava dove non si trovavano. Ma per non tornarsene a mani vuote saccheggiava, incendiava, feriva, a destra ed a sinistra, lungo la sua strada.

Perché un villaggio si vuotasse batava che egli apparisse dove legge lontano. Era il fuggi, fuggi. I giudici ed i delegati di polizia davano il segnale, del salvati chi può!

L'ultimo delitto suo fu l'assassinio di un italiano e di un austriaco nei pressi d'Irapollis... delitto del quale nessuno si è più occupato. E' probabile che il console italiano e quello austriaco neppure siano informati del nome degli uccisi... per alta misura diplomatica.

Poiché toccare nell'alferes Galinha era lo stesso che dar fuoco alla barba del presidente dello Stato. Egli era la polizia che mantiene l'ordine pubblico.

Ed avrebbe continuato ad accadere con l'approvazione dei superiori, se in una fredda notte di questo autunnale aprile, un altro sostenitore del buon ordine sociale, un'altra colonna della moralità pubblica, ovvero sia un altro delinquente a servizio dello Stato, per una oscena e losca storia, di amore e di denaro, freddamente non lo avesse nel sonno colpito a morte.

Il tenente Oliveira è morto... però, ahimè!, restano i suoi colleghi...

Ausonio Azeite

Como procede O GOVERNO REPUBLICANO

As condições de subsistencia das classes operarias são, podemos dizer sem receio, totalmente impossíveis. Os preços do aluguel da casa, do vestuário e dos generos alimenticios subiram por tal forma que o salario é insufficiente para fazer face a uma pequena parte das despesas que as familias são obrigadas a fazer para viverem miseravelmente.

E' o caso de abandonar as habitações e armar barracas no meio da via publica, se é que se possa encontrar um pedacinho de terra para se estabelecer.

Em alguns pontos, a uma calamidade... que já se devia ter «legalmente» avançado sobre os grandes depositos e feito um saque em regra, para salvar a vida da população.

Nada se fez ainda neste sentido. O povo, paciente, humilde, resignado e sofrido tem-se limitado a realizar varios comícios de protesto contra os monopolios e as usuras dos capitalistas.

As autoridades mostraram, a principio, muito sollicitas, permitindo as manifestações «policas» nos bairros afastados da cidade (no matto).

Respeitaram fielmente a Constituição e garantiram aos manifestantes a liberdade de reunião e de liberdade servia-lhes de excelente pretexto para tomarem medidas convenientes quando o movimento toma-se um carácter mais serio.

No dia 20 do mez passado, a Lyga Popular contra a Censura da Vida, de acordo com outras entidades, tentou verificar varios comícios e uma grande manifestação no centro da cidade para protestar contra a carestia da vida e a lei de expulsão.

A Constituição garante todas as liberdades, mas essas liberdades têm um certo limite, pois não permite que se chegue ao abuso, nem a alteração da ordem.

Os correctos funcionarios da policia paulistana entenderam que tal manifestação no centro da cidade, no bairro burgues, constituia um abuso; e como a manutenção da ordem, dá direito a proibir qualquer acto publico ou particular, mesmo sem protesto, tanto a manifestação como os comícios foram obstados pelas autoridades.

Primeiramente a manifestação central foi prohibida, permitindo-se os comícios dos bairros, dando a entender que as ruas centrais não são publicas, pertencem aos senhores. — Se quorem fazer co-

municios, façam lá na sua terra».

Porém, tendo em vista que os manifestantes dos arrabaldes «operarios» poderiam vir dar um passeio até o largo do S. Francisco, os da segurança resolveram que a cavalaria ensaia-se corridas sobre os concorrentes aos referidos comícios.

Um só operario que fosse encontrado era atropelado ao grito de: — dissolva-se! Como alguns tomosos quizessem reunir-se foram presos.

Para demonstrar a pericia dos regimentos á moda de Paris, tentaram provocar um massacre. Um sargento da Guarda Civica — *notem bem, Civica!* — disparou um tiro para dar começo a ecatombe, mas, vendo os bacharelados em sciencias policias que poderia sair cara a «bernarda», optaram pela pacificação sem maiores consequências.

Estamos em pleno regime republicano e democratico, com uma Constituição que garante todas as liberdades.

No entanto, é o Estado republicano e democratico quem obriga o povo a morrer de fome.

E' o Estado republicano e democratico quem atropela o povo, quem o prende, o espanca, o assassina.

A Constituição, se tivesse ao menos um átomo de contrariedade contra os trusts, contra os latifundios, contra o roubo commercial, industrial e predial seria, sem demora, rasgada por aqueles que mais a defendem.

A Constituição garante todas as liberdades de roubo, de exploração, de assassinato, de massacre, sempre que tais actos sejam realizados pelos governantes e pelos capitalistas e seus sicarios.

Contra a carestia da vida e a lei de expulsão

Os grandes comícios que na maior parte das grandes cidades do Brasil se realizaram para protestar contra a carestia da vida e a lei de expulsão tiveram grande êxito, especialmente no Rio e em Santos. Nesta ultima localidade a policia tentou impedir a manifestação, mas o povo resistiu á intimidação policial e percorreu as ruas aos gritos de *abaixo a lei da expulsão! viva a Revolução Social!*

será, em caso necessario, para o qual torça armada.

Ja não é uma novidade a santa aliança dos governos e fazendeiros — que são não os mesmos — para impor aos colonos as condições de: *ou sujeitam-se a todas exorsões e imposições patronais ou morrem.*

A energia e a solidariedade dos explorados é a unica forma de manter á raia estes carrascos que tratam os proletarios como verdadeiros escravos.

I coloni alla riscossa

Da più di una settimana i coloni delle «fazendas» limitrofe a Villa Bomfim, Ribeirão Preto e Sertãozinho sono in sciopero e noi speriamo che il movimento si estenda e dalla Mogiana passi alla Paulista e da questa alla Sorocabana. La polizia è già in armi e le solite violenze già sono entrate in vigore. Come devono sentire la morte dell'alferes Galinha gli oligarchi paulistani!

Lo sciopero dei coloni è venuto a smaschiarare le batterie della reazione conformando la nostratesi. La *lei paulista*, la famosa legge presentata DAL CONSULENTE LEGALE DELLA BANCA ITALIANA E FRANCESE PER L'AMERICA DEL SUD, ora stata fatta apposta per impedire ai coloni di scuotere il giogo della tradizionale servitù.

Infatti la prima cosa che ha fatto il delegato di Ribeirão Preto, appena dichiarato lo sciopero, è stata quella di circolare per lo «fazendas», leggendo ai coloni il testo della famosa legge.

In margine a questo sciopero dobbiamo notare che il magno organo degli italiani al Brasile, il «Fanfulla», ha atteso a darne notizia dopo parecchi giorni, obbligati dallo circostanze e in poche linee. Della qual cosa bisogna scusarlo poiché si trovava occupatissimo a tradurre tutto le romantiche note di polizia sull'assassinio di un celebre assassino.

Ed è di somma importanza notare anche quale la posizione assunta dal famoso Patronato Agricolo. Si diceva che questa amena istituzione, immaginata dal capo poliziotto, Sampaio Vidal, doveva proteggere i coloni e opporre l'arbitrato tutto le volte che tra coloni o

fazendeiros si fossero dati dei conflitti.

Ebbene, con una nota ai giornali che sembra dettata dallo stesso Sampaio Vidal, quel curioso Patronato, tanto caro al professor Piccarolo, si affrettava a dichiarare che i coloni hanno torto e che i «fazendeiros» devono *mulzare* e licenziare gli scioperanti...

E che licenzino pure... Staremo a vedere poi chi andrà a cogliere il caffè: se ci andranno i poliziotti, le tróie, i preti e gli studenti...

Non si lascino intimorire i coloni: oggi i padroni della situazione sono loro. Ne approfittino. Più tardi sarà peggio per loro la «baixa» del caffè si va sempre più accentuando, ed al governo ombiniano a mancare i quattrini per sostenere il *trust di stato*, ossia la valorizzazione artificiale.

Siano dunque energici e risoluti. In quanto all'espulsione credino pure che è l'unico mezzo che loro si offre per riattraversare l'oceano, e non si diano pena delle famiglie poiché i consoli hanno l'obbligo di rimpatriarle.

GUERRA SOCIAL

Grève na fabrica de tecidos de Fami Jafet

Os trabalhadores desta fabrica, situada no Ipiranga, acham-se em grève. Porque?

O jornalismo burgues já forneceu as melhores informações favoráveis ao patrão.

Vejam as nossas: Obrigado pelas circunstâncias o patrão resolveu suprimir a taxa de meninos que trabalham á noite.

Meninos de 8 anos trabalhavam mais horas de noite do que anos a term de vida: desde as 6 horas da tarde até as 6 horas da manhã, por um salário de 400 a 600 reis, e que provavelmente sobra para tomar um que se segara.

Esta turma passou a trabalhar de dia e a trabalhar de noite e os meninos resolveu reduzir a taxa em pouco tempo.

Em consequência o salário tornou-se de 200 a 300 reis.

Os operarios que se recusaram a trabalhar a tiro, dignos trabalhadores, foram expulsos da fabrica e a furia do heróe, pelo que se viu, não se deu ao trabalho.

encontraram a fabrica cercada pela policia, a qual não permitia a entrada a nenhum operario e ameaçava a todo o mundo com as suas armas de boa gente.

A fabrica não tomaria a abrir-se enquanto os meninos não aceitassem as condições patronais.

Em vista disso os operarios apresentaram uma tabela de salarios exigido o aumento de 20 oje sobre os atuais salarios e o horario de 10 horas de trabalho.

A policia, para manter a ordem, espancou, sem motivo, o operario Francisco Trubillano Garcia e outro, que protestou contra o espancamento dos meninos.

No dia 24 os milicianos prenderam e maltrataram brutalmente 3 operarios. Não existe os supplicios que anteriormente se applicavam aos escravos. Simplesmente os instrumentos de torturas estão modernizados.

Fóra os que estovam!

Julgava-mos que a imprensa capitalista não distingui-se exclusivamente com as suas diatribas e calunias e pedi-se unicamente para os «agitadores de grèves» a lei de expulsão expressão luminosa da hospitalidade burguesa no Brasil.

Vemos porém que se reclama a mesma pena para o director do «Dn. Chisciotte» e para todos os que ilustram o publico, tanto daqui como da Europa, sobre a panacea em que vivem os felizardos, emigrantes nas fazendas e cidades desta patria dos famosos fazendeiros dos milionarios, norte-americanos e ingleses.

«A Tribuna» de Santos e outros diários pertencem a estremecidos patriotas que reclamam a expulsão de Paulo Mazzoldi por que não está disposto occultar os vachamos de que são victimas os trabalhadores.

Neste ponto, nós declaramos nos solidarios com Mazzoldi e protestamos até contra as simples insinuações.

Se os comerciantes de carne humana perdem com esta propaganda que se desliza a outro ramo de exploração.

CORRESPONDENCIA

NICOLA PONZIANI — Sai no proximo numero.